

**VILANOVA, João-Maria. Os contos de UkambaKimba. Vila Nova de Cerveira: Nósomos, 2013.**

*Leonardo Barros Medeiros<sup>1</sup>*

a pedra dá à frase seu grão mais vivo:<sup>[1]</sup>  
obstrui a leitura fluviante, flutua<sup>[1]</sup>,<sup>[SÉP]</sup>  
açula a atenção, isca-a com o risco.  
João Cabral de Melo Neto

Os vinte e quatro minicontos de João-Maria Vilanova, reunidos em 2013 sob o título de *Os contos de UkambaKimba* e organizados pelos professores Pires Laranjeira e Lola Xavier, são narrativas que representam as relações sociais de forma crua e direta por meio de enredos lacônicos. Seja pelo trabalho realizado com a linguagem, numa espécie de dialeto bem próxima da oralidade, seja pela construção narrativa, numa espécie de denúncia das mazelas, a obra está repleta de elementos que evocam a estética naturalista do século XIX, resignificando algumas características para a realidade contemporânea.

Zoomorfismos, violência, fatalismo, exploração, ambição desmedida, diferenciação social, miséria, criminalidade, oralidade são algumas temáticas dos contos que, numa espécie de fotografia instantânea da realidade, revelam-se como documentos humanos, denunciando uma realidade feroz e agressiva. O conto “A penitência” é um dos exemplos da zoomorfização física e moral dos personagens. Nesse relato, o protagonista, para expiar seus pecados, ara a terra como se fosse parte do gado:

---

<sup>1</sup> É graduado em Letras pela Universidade Católica de Petrópolis com mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutorando em Literatura Brasileira, com bolsa CAPES, na Universidade de Coimbra. Foi Professor Assistente convidado de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e professor substituto de Literatura Brasileira na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e é, junto com Marcos Pasche, organizador do livro de ensaios *Hoje é dia de hoje em dia: literatura brasileira da primeira década do século XXI*.



(...) colocar-te no pescoço a canga que era para os bois e por-te a lavar e aí está como eu Pascoal Mukapa de 45 anos natural de Danji-ia-Manha pai de três filhos lavrei com canga de boi a dura terra da granja sob a fornalha do sol esse dia e mais o outro e mais parte do outro (...). (p. 13)

O texto é encimado por um versículo do evangelho de Mateus, pertencente ao famoso “Sermão da Montanha”, que, entre outras coisas, aborda a questão da aquisição da humanidade e da verdadeira libertação do homem. Essa evidente alusão aponta, ironicamente, para o falso cristianismo do clérigo que submete seus fiéis ao trabalho escravo, desumanizando-os e castigando-os como se fossem prisioneiros.

Narrado em primeira pessoa, o conto é uma espécie de diálogo entre o Pascoal e outra personagem que deverá realizar a mesma atividade punitiva: de tal forma que a narrativa é construída como uma confissão. Dessa forma, percebemos a analogia por meio da estrutura do conto, ou seja, a construção textual é realizada somente em um parágrafo, sem vírgulas ou qualquer outra pontuação, provocando uma sensação de acelerado desabafo. Outra marca de oralidade presente nesse conto dá-se pela inserção de palavras e sintagmas que simulam o linguajar despreocupado com a fala culta como, por exemplo: “camião”, “esse dia e mais o outro e mais parte do outro”.

A zoomorfização também é patente no conto “O cão”, que, desde o título, expressa a manifestação temática. Ao contrário do conto anterior, aqui, esta é condicionada diretamente pela relação patrão/empregado:

Se tu comeu comida de cão junto com os demais meus cães tu deve saber ladrar como um cão. E ladrei. E tu deve saber andar de quatro como cão. E andei. E tu deve saber guardar como cão minha roça de café aí desses turras ordinários que na escuriza da noite cerrada ma querem receber. Tirar. E guardei. (p. 32)

A degradação da condição humana chega ao ápice quando o latifundiário, ao tentar humilhar fisicamente o protagonista, é atacado e morre com uma mordida no pescoço. O caráter animalesco, a que foi convertido o trabalhador, é confirmado pelo atestado de óbito do patrão: “mordedura infecciosa de animal não identificado que tudo indica ser cão”. A metamorfose que sucede ao protagonista, transformando-o em fera, que se defende diante de qualquer ameaça, denuncia a perversidade da natureza a que são submetidos alguns trabalhadores. Essa descrição, de forma estreita e objetiva, nua e fria, causa um impacto na leitura, colocando os leitores parcamente cientes da realidade, fazendo-os experimentar, por meio do relato, um pouco da dor alheia.

Também utilizando um fragmento bíblico como epígrafe, o conto “A pacificação” descreve o olhar do narrador em primeira pessoa ao entrar em sua vila, após esta ser atacada impiedosamente e ser destruída pelo fogo: “Depois que passou esse clarão que cegava nós descemo aí em nosso vale hongxa xana ou baixa-grande de seu nome que no antigamente era verde (...)” (p. 14).

Depois de presenciar à distância a barbárie, o narrador retorna à vila e encontra os corpos carbonizados de seus familiares e vizinhos, ou seja, a destruição total: “nas casas de pau-a-pique, devastada sua negra pele, todos dormindo tranquilamente na paz”. A comoção fica evidente nas recordações do protagonista que sente a falta do seu lugar e dos seus habitantes. A epígrafe, retirada do “Livro do Apocalipse”, é um fragmento do relato da abertura do último selo, após o toque da quinta trombeta e que é precedido por um silêncio e uma grande espera, tal qual o narrador vivencia ao observar o extermínio. A metáfora do sétimo selo significa que todos os segredos já foram revelados e que não há mais nada para ser desvendado.

Ainda nessa passagem do “Livro do Apocalipse”, ocorre uma grande mudança: o incenso que era utilizado para amenizar o odor da gordura dos queimados nos antigos holocaustos não será mais usado como símbolo de sacrifício, mas sim como verdadeiro testemunho. Esse sentido também está presente no conto de Vilanova, que apresentava vinte e duas versões para o espólio do sobrevivente do atentado, quando o narrador presencia a transformação em ruínas de sua história e permanece para que “assim pacifiquemos essa terra rapidamente-e-em-força para que nossa querida civilização do espírito e da concórdia ela dure ela perdure ela não acabe jamais nunca nunca jamais amen” (p. 14).

Percebemos que a escolha pela epígrafe, tal qual nos outros contos, não foi aleatória e possui uma das chaves de interpretação da narrativa. A águia nos relatos bíblicos simboliza a imagem do anjo mensageiro ou está ligada aos animais que buscam os cadáveres depois da batalha. Notamos que essa última simbologia está fortemente atrelada aos relatos nos livros de Habacuc, Mateus e Lucas. Dessa forma, o conto realiza uma leitura do relato bíblico numa vertente intertextual, adaptando-o para uma nova realidade e ressignificando os símbolos apocalípticos.

A vertente anti-idealista, adotada por Vilanova, que escolhe apresentar o episódio numa perspectiva objetiva, direta e sucinta carrega em si características diretamente ligadas à estética naturalista do século XIX. Um dos argumentos do naturalismo científico consistia em declarar que só devemos acreditar naquilo que é demonstrável, ou seja, naquilo que é cientificamente provável. Em “Antonica e a queixa”, observamos claramente essa tendência no breve relato em que, após uma denúncia de estupro para as autoridades, Antonica é novamente abusada com a justificativa de comprovação do primeiro ato de violência: “quero ver bem” (p. 21).

O conto é narrado em apenas um parágrafo, sem nenhum sinal de pontuação ou pausa, como se fosse uma exposição da própria vítima em que, ao descrever sua memória do assédio, recorda as sensações de opressão, de medo, de angústia, de violência, de impotência, de náusea numa construção tão concisa e bem construída que o leitor chega a experimentar seus efeitos repugnantes.

Essa orientação, que pretende buscar um ponto de vista sem construções idealizadas da realidade, tende a ser uma postura que reverbera as bases filosóficas naturalistas. Os fatos vivenciados pelos narradores protagonistas são expostos na narrativa numa orientação

antirromântica, em busca de efeito verossímil e de denúncia do código social vigente, criticando o espaço da ideologia dominante.

Em “A caixa de Takula”, João-Maria Vilanova traz a temática da violência por meio do enredo em que é apresentada a profanação do corpo que quatro companheiros carregavam para a realização dos ritos funerários. A decapitação do corpo é uma tentativa de silenciar o voz do povo que clama por justiça: “Ah bom faz o volunta (e cospe o palito) cortemos-lhe a cabeça para que ela não pregue mais a subversão no seio do povo e todos grandes e pequenos possamos todos no respeito da lei e na ordem do governo viver em paz” (p. 16).

Ou então, em “Chicote de Ximba”, em que os senhores da terra castigam os empregados moral e fisicamente, vemos mais uma vez a temática apresentada por outra vertente:

Quandoque o senhor da terra ele chegou no posto o outro junto com o sipaio  
aí tava trazido quê mesmo pendurado entre dois servos fiéis os pés as mãos  
atados no pau da mutala-tete suspenso qual se um nunce. (...)

E toda a noite nas costa do outro vuim-vuim chicote ele cantou katé de manhã.  
Aí suado cansado d’arrear esse simpaio cai pró meio do chão pronto tava  
morto. (p. 25)

A degradação humana e as negligências da sociedade são alimentos para que a violência exerça soberania entre os menos favorecidos. Dessa forma, a violência possui um papel importante no interior das narrativas, pois a ação violenta é um componente estruturante da escrita narrativa, ela opera como um elemento de caracterização da personagem e, também, define o desfecho da trama, suas tensões e conflitos. João-Maria Vilanova, ao explorar a violência nos contos, traz ao corpo textual maior verossimilhança ao que é narrado. De tal forma, que a violência decorre das várias formas de poder a que as personagens são submetidas por aqueles que se julgam superiores.

Nessas duas dúzias de minicontos, percebemos que o solo amigo, significado de *UkambaKimba*, não é tão amistoso assim. Há na tessitura textual um verdadeiro choque com a realidade fictícia engendrada por Vilanova. Uma linguagem contida, concreta e refletida em que, por meio de construções elaboradas com o intuito de aproximação da oralidade e pela precisão da seleção dos vocábulos, apresenta a dilacerante existência, oferecendo à narrativa um caráter objetivo com densa dimensão estética.